

RESUMO - SOCIOFONÉTICA

QUANDO O INGLÊS ENCONTRA O SOTAQUE: UM ESTUDO SOCIOFONÉTICO DO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA COM ESTUDANTES DA EJA NA BAHIA

Fernando Gonçalves De Souza Neto (fernando.jandiroba@hotmail.com)

Vera Pacheco (vera.pacheco@gmail.com)

Esta pesquisa teve como objetivo investigar os efeitos da variação sociolinguística regional na aprendizagem dos sons da língua inglesa por estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), considerando dois contextos distintos da Bahia: São Félix do Coribe, município do oeste baiano influenciado pelo português de Goiás e por traços históricos do português de base pernambucana, e Jequié, localizado no sudoeste do estado da Bahia, marcado por um sotaque tradicionalmente baiano. Assim, a investigação ancorou-se na abordagem sociofonética, campo que articula Fonética, Fonologia e Sociolinguística (Thomas, 2011; Hay; Drager, 2007), com o intuito de compreender como as particularidades fonéticas regionais interferem na percepção e na produção dos sons do inglês em sala de aula. O foco principal foi analisar comparativamente o desempenho fonético de estudantes da EJA desses dois municípios diante de uma sequência didática voltada ao desenvolvimento da consciência fonológica em língua adicional (L2). Entre as

variáveis analisadas, destacaram-se a assimilação ou dificuldade em produzir os segmentos do inglês como /ɹ/, /θ/, /ð/, /v/ e /w/, além da percepção de ditongos e da tonicidade em palavras do inglês. A pesquisa, de natureza qualitativa, envolveu a aplicação de testes diagnósticos pré e pós-intervenção em duas turmas da EJA (8º/9º ano), com 30 participantes cada. As atividades fonológicas ocorreram ao longo de cinco semanas em ambas as localidades, incluindo exercícios de rima, aliteração, segmentação e escuta ativa. Os dados quantitativos foram tratados por meio do teste de Wilcoxon, com uso do software Jamovi 2.3.28 (Love; Dropmann; Selker, 2023), e indicaram avanços estatisticamente significativos em ambas as turmas, com aumento da mediana de acertos de 4 para 8 pontos ($p < 0,001$). Já os dados qualitativos revelaram diferenças relevantes entre os grupos: os alunos de São Félix do Coribe demonstraram maior familiaridade com o /ɹ/ retroflexo — presente no inglês americano —, mas dificuldades com sons palatais como /tʃ/ e /dʒ/, o que pode estar relacionado à ausência de palatalização típica da fala local. Por outro lado, os estudantes de Jequié, cuja fala apresenta palatalizações recorrentes e entoação marcada, tiveram melhor desempenho com os sons /tʃ/ e /dʒ/. As observações em sala indicaram ainda que a pronúncia do inglês esteve intimamente ligada à identidade linguística de cada grupo, com manifestações de orgulho regional e resistência a modelos de oralidade padronizada. Os resultados demonstram que o ensino de inglês para a EJA deve considerar os traços fonéticos das variedades do português faladas pelos aprendizes, pois esses elementos influenciam não apenas a produção fonética, mas também a motivação, a autoestima e o modo como os sujeitos constroem sentido no aprendizado da língua adicional. Nesse contexto, a análise sociofonética mostrou-se essencial para compreender a complexa relação entre variação linguística local, aquisição fonológica do inglês e formação identitária dos aprendizes.

Referências

HAY, J.; DRAGER, K. Sociophonetics. *Annual Review of Anthropology*, v. 36, p. 89–103, 2007.

LOVE, J.; DROPMANN, D.; SELKER, R. Jamovi.[2023]. Disponível em: <https://www.jamovi.org>. Acesso em: 11 de abr. de 2025.

THOMAS, E. R. *Sociophonetics: An introduction*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011.

Palavras-chave: sociofonética; educação de jovens e adultos (eja); variação linguística regional.